

“Lá embaixo”: percepções das crianças de uma escola pública sobre o cotidiano do bairro onde vivem, do lado brasileiro da fronteira

Down there: perceptions of children of a public school on the daily life of the neighborhood where they live on the Brazilian side of the border

Marisa Elizabete Cassaro Godoy

Regina Coeli Machado e Silva¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar as percepções das crianças sobre a escola e o bairro onde vivem, às margens do rio Paraná, em Foz do Iguaçu. Embora esse contexto dê lugar a formas de vida singulares para todos os moradores fronteiriços dos três países, nosso interesse nas crianças de quinto ano do ensino fundamental, do lado brasileiro, concentra-se nas percepções sobre o espaço onde residem, caracterizado por concentrar diversas atividades de transporte de mercadorias vindas do Paraguai. A criança, compreendida por meio das contribuições teóricas da antropologia da criança e da infância, é vista como atuante e também produtora de cultura. Os dados foram obtidos por meio da pesquisa etnográfica e técnicas próprias da psicologia como histórias de vida e desenhos. Uma das percepções evidenciadas é que ser criança no bairro é viver sob olhares de suspeita e experimentar sentimentos ambíguos, quando se referem ao trabalho dos adultos, mas também experimentar sentimentos de cuidado e a proteção desses adultos para com eles.

Palavras chave: Criança, Fronteira, e Escola.

ABSTRACT: This article objective to present the children's perceptions of the school and the neighborhood they live on the banks of the Paraná River in Foz do Iguaçu. Although this context shapes unique forms of life for all of the border residents from the three countries, our interest in elementary school children, more specifically of fifth grade from the Brazilian side, focuses on perceptions of the environment where they live, characterized by the concentration of activities focused on transportation of goods from Paraguay. The child, understood through the theoretical contributions of child and childhood anthropology, is seen as being an active agent and also a producer of culture. Data were collected through ethnographic research and psychology techniques, such as life stories and drawings. One of the perceptions noticed is that that being a child in the neighborhood is to live under the suspicious looks and experience ambiguous feelings when referring to the work of adults, but also experience feelings of care and protection of these adults towards them.

Keywords: Child, Frontier, and School.

¹ Pós-doutorado em Antropologia pela Universidade Nacional de Brasília (2006). Professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: coeli.machado@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As percepções das crianças sobre a escola e o bairro em que vivem, às margens do Rio Paraná, em Foz do Iguaçu, constituem objeto de interesse neste artigo². Foz do Iguaçu está localizada na fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil e, entre suas particularidades, além dos atrativos turísticos, estão as muitas interações de seus moradores como o intenso comércio de Ciudad Del Este, propiciadas pela proximidade entre as cidades, separadas pelo rio Paraná, mas ligadas pela Ponte de Amizade. Esse contexto dá lugar às formas de vida singulares para todos os moradores fronteiriços, dos três países, incluindo as crianças. Pretende-se apresentar as formas pelas quais elas percebem suas vidas, seus modos de relação com os adultos, no bairro e na escola, espaços localizados às margens do rio Paraná. Vivendo com os pais, vizinhos e amigos nesse cotidiano, nossa pergunta é como interpretam esse contexto singular. Para compreender como se processam as interações dessas crianças em suas relações com os adultos e as percepções que fazem do cotidiano vivido entre adultos nesse bairro, utilizamos diferentes formas de comunicação oral, gráfica e gestual no espaço escolar.

Este artigo foi organizado da seguinte forma: na primeira parte apresentamos o contexto sócio-histórico da fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil, em que o bairro e a escola estão inseridos; na segunda parte, apresentamos a abordagem teórico-metodológica que permitiu a participação das crianças como interlocutoras nesse processo de pesquisa, e, na terceira, as percepções das crianças sobre o bairro.

UMA ESCOLA PÚBLICA NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI

O fato de Foz do Iguaçu estar localizada no Oeste do Paraná, fazendo fronteira com os países Paraguai (Cidade de Leste) e Argentina (Porto Iguaçu), gera peculiaridades sociais que interferem no modo de vida dos habitantes. Elas estão visíveis na heterogeneidade das condições socioeconômicas, assim como na diversidade cultural como queremos mostrar à frente. A princípio pode-se definir fronteira como o limite que separa dois Estados, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro (KOOGAN/HOUAISS, 1993).

No artigo *Vidas, Nações e Estados se fazendo nas fronteiras entre Brasil, Paraguai, Argentina*, Silva (2013) indica tanto um limite entre conjuntos Estados-nações quanto uma intensificação dos movimentos interfronteiras, entre grupos sociais desses conjuntos. Koltai (2000),

² Pesquisa aprovada com parecer consubstanciado do CEP- Plataforma Brasil, proposto pela UNIOESTE. Parecer nº 714.742. Data da relatoria: 26/06/2014. Parecer liberado em 10/07/2014.

na obra *Política e Psicanálise*, entende fronteira como uma projeção topológica sobre o lugar de uma realidade social, que representa o ponto de ruptura de uma lei nacional e tem a particularidade de já ser, na maioria das vezes, nomeada na língua do vizinho, ou seja, nomeada na língua do outro. A fronteira pode vir a ser entendida como um lugar de passagem, uma travessia com vários significados, com dinâmica e sentimentos próprios.

“A concepção de fronteira é entendida comumente sob uma ótica geopolítica ao supor a relação entre Estados Nacionais, separados territorialmente por limites físicos/naturais” (SILVA, 2013, p. 11). Historicamente, as fronteiras naturais entre o Brasil e Paraguai foram estabelecidas após a derrota do Paraguai na Guerra de 1864-1870, pelo Tratado de paz e de limites Loizaga – Cotegipe em 1872. Em 1927 e 1963 os dois países assinaram tratados complementares quanto a alguns pontos específicos de suas divisas. Portanto, as fronteiras são criações humanas, delimitadas e demarcadas sucessivamente de acordo com os vários processos de ocupação fronteiriços na visão de Albuquerque (2010). Para Bourdieu, (1998, *apud* Albuquerque, 2010, p. 37) “as fronteiras são produtos de atos jurídicos artificiais e de disputas de poder. Estão sempre em movimento, impulsionadas por várias influências culturais, econômicas, migratórias e por formas diversas de circulação de produtos”.

A divisa com o Paraguai é feita pelo rio Paraná. Do outro lado o rio Iguazu demarca a divisa com a Argentina formando, então, três fronteiras. Do ponto de vista geopolítico estão majestosos e evidentes, com as cores da bandeira de cada país, os obeliscos que representam o marco das três fronteiras no encontro das águas dos rios Iguazu e Paraná.

Em território brasileiro, a fronteira se concretiza nos prédios públicos da Polícia e Receita Federal no Brasil e no território paraguaio, após a passagem pela Ponte Internacional da Amizade, ela se concretiza nas edificações da Segurança, Migração e Aduana paraguaias. A fronteira, estabelecida principalmente como resultado de disputas, guerras e conflitos históricos, é uma área de segurança Nacional. A faixa de fronteira é definida juridicamente como área de segurança nacional. “O Brasil definiu uma zona de 150 km a partir do limite internacional e o Paraguai delimitou no final de 2004 uma faixa de 50 km” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 35). Como um lugar de controle, no entanto, a fronteira torna-se visível na travessia e suscita nas pessoas sentimentos diversos e certos cuidados. Um dos cuidados importantes é estar de posse do documento básico que nos garante a cidadania brasileira, a carteira de identidade, que raramente é solicitada para as pessoas que atravessam a aduana paraguaia. Mesmo que o deslocamento não ultrapasse 100 km do limite internacional, deixa-se de ser reconhecido como cidadão e assume-se a identidade de estrangeiro, ou seja, as percepções despertadas na travessia nos indica que estamos em um solo diferente, o que pode causar desconforto, insegurança, e um sentimento de vazio, de desconfiança,

como se a saída do país implicasse na perda da pátria, na perda de uma pessoa querida e de si mesmo, experiência próxima à vivência de um luto.

Para Albuquerque (2010), pesquisador da dinâmica envolvendo os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e Paraguai, a palavra fronteira apresenta vários significados no mundo atual. Não são só marcos no território físico, mas também representam os limites da jurisdição estatal, dos símbolos oficiais da pátria e da cidadania. “A língua nacional, os meios de comunicação e outros símbolos culturais apresentam zonas de hibridismo” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 34). Otto Bauer (1996), em *A Nação*, aborda sobre os sentimentos coletivos que envolvem a construção de uma nação. Esse autor explora a particularidade de indivíduos que vivem em nações diferentes, lado a lado, ou seja em regiões de fronteira. O seu caráter é constituído como participante de duas nações com culturas diferentes, e que de fato não pertencem completamente a nenhuma delas, constituindo um caráter singular. Segundo o autor, desde a infância, esses indivíduos falam a língua de duas nações e são influenciados pelas particularidades culturais de ambas, como ocorre em Foz do Iguaçu. No comércio, nas escolas e nas ruas, os moradores se comunicam falando espanhol e guarani ou portunhol, que é a mistura das duas línguas.

A intensificação da comunicação e do movimento na fronteira entre Brasil e Paraguai ganhou outros matizes nos últimos vinte anos pelo aumento de compras no comércio paraguaio. A globalização de capitais e a estrutura de produção, somadas às políticas de impostos locais, colocaram o comércio do Paraguai em lugar de destaque, atraindo fortes investimentos. O movimento intenso dos sacoleiros, também chamados de “muambeiros” promoveu o “surgimento de diferentes redes de controle de fluxo de mercadorias legais e ilegais na região de fronteira, grupos que necessariamente não se apresentavam coesos e organizados de modo hierarquizado” (CARDIN, 2013, p. 117).

Os estudos de Catta (2002) e Lima (2010) afirmam que, após a construção de Itaipu, houve um agravamento da situação social do município, com o crescente desemprego, e muitos se tornaram “laranjas”, que atravessam várias vezes a Ponte da Amizade a pé, trazendo pequeno volume de mercadorias. Para eles, o desenvolvimento de uma economia informal acarretou um aumento do favelamento urbano, e dificuldades para o atendimento dos serviços sociais, especialmente nas áreas de educação, saúde e segurança, uma vez que a cidade de Foz do Iguaçu cresceu desordenadamente, devido ao número de pessoas que vieram para cá, em busca de melhores condições de trabalho, durante o período de construção da usina de Itaipu. A construção da Itaipu pode ter contribuído para deslocamentos de diversas regiões do país para Foz do Iguaçu; porém, depois de concluída a usina, houve desemprego a partir da década de 1990, o que gerou expansão do comércio com Cidade de Leste no Paraguai. Desde então, a Tríplice Fronteira tem sido

apresentada pela imprensa brasileira e argentina e organismos oficiais e internacionais de segurança como:

[...] um lugar de tráfico de drogas e armas, de lavagem de dólares, de venda ilegal de cigarros, “paraíso de contrabandistas”, “santuário da corrupção, impunidade e delinquência”, espaço de trânsito de *sacoleiros* e refúgio de traficantes e terroristas árabes. (Rabossi, 2002). A Ponte da Amizade é o foco principal do comércio fronteiriço e das imagens construídas sobre essa fronteira. As notícias abordam os bloqueios na ponte, o aumento da fiscalização e da apreensão de mercadorias vindas do Paraguai, as cenas de violência entre policiais e sacoleiros, bem como os controles e as proibições das entradas de trabalhadores brasileiros no Paraguai. As mercadorias “pirateadas” ou sem nota fiscal compradas em Cidade do Leste e revendidas em todas as cidades brasileiras ajudam também a cristalizar preconceitos sobre a nação vizinha, tais como “país da falsificação”, “tudo o que é do Paraguai não presta” etc. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 39)

Com o Tratado Comercial do Mercosul, em 1995, o comércio atacadista entrou em crise, acentuando-se mais a partir do ano 2000, quando as autoridades alfandegárias brasileiras estabeleceram as quotas menores para pessoas físicas do Brasil (U\$300) e quotas mais elevadas para exportação por atacado (U\$2000). Com a crise, os empresários da exportação transferiram seus escritórios para a cidade de Assunção no Paraguai, o que afetou o desenvolvimento de Foz do Iguaçu e dos empregados. Na crise iniciada em 1995 mais de 4.500 funcionários foram dispensados das empresas exportadoras.

Foz do Iguaçu mergulhou em uma séria crise econômica quando o Tratado de Assunção, com vistas a criar o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), foi assinado em 26 de março de 1991. O objetivo primordial era a integração dos quatro Estados Partes: Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai, por meio da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, e da harmonização de legislações de áreas pertinentes (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES). Esta iniciativa sufocou o comércio exportador, levando as empresas exportadoras à falência. A cidade transformou-se em um corredor de trânsito para as exportações das mercadorias. O Jardim Jupira, bairro onde está localizada a escola em que desenvolvemos nossa pesquisa, ao lado da Vila Portes e próximo à ponte da Amizade, o centro das empresas exportadoras de Foz do Iguaçu, tornou-se, a partir de 1996, um espaço fantasma com grandes empresas e barracões fechados, com poucas lojas que insistem em sobreviver, principalmente as que comercializam artigos de cama, mesa, banho e utilidades domésticas.

Esse processo estendeu-se pelas ocupações urbanas que se formaram às margens das barrancas do rio Paraná. Tais áreas são acompanhadas pela Prefeitura de Foz do Iguaçu como se pode verificar nos dados diagnósticos de 2005:

A cidade de Foz do Iguaçu convive com o problema de ocupações irregulares às margens dos rios, córregos e várzeas, outras localizadas nas imediações de depósitos de lixo e áreas públicas [...]. Em 1989, existiam 18 favelas (2.965 famílias), em 2002, cinquenta e sete favelas, sendo destas vinte e sete sem nenhuma infraestrutura em áreas de riscos, a beira de mananciais ou em locais de preservação ambiental. (www.2.fozdoiguacu.pr.gov.br/PlanoDiretor/VOL_1/14_Aspectos_urbanos.pdf- apud ZAMBERLAN et all, 2007).

Segundo Zamberlan (2007), o bairro começou com a atividade comercial de algumas famílias sírio-libanesas. Elas chegaram em 1953 como mascates, mas antes vieram os senhores Ahmad e Abdul Rahal, que residiam em Cascavel desde 1951. Fixaram residência em Foz do Iguaçu a partir de 1956, quando iniciaram um intenso comércio de exportação para o Paraguai de produtos brasileiros, que até aquele momento vinha pela Argentina. Com a construção da Ponte da Amizade, em 1965, e com o loteamento da área pertencente ao senhor Carlos Sottomaior, criou-se uma estrutura voltada para a exportação para o Paraguai.

O Jardim Jupira está localizado à direita da avenida de acesso à Ponte da Amizade, margeando o rio Paraná, até as proximidades da vila residencial “B” de Itaipu, construída para alojar os profissionais de nível superior que aqui vieram para a construção da usina. A palavra Jupira é de origem indígena e significa “Qualquer planta que alimenta”. Pode-se pensar em uma analogia com a multiplicidade de atividades desenvolvidas pelos moradores do bairro para sobrevivência, que vão desde trabalho não qualificados no setor de serviços até o transporte de mercadorias vindas do Paraguai. Parte deste bairro ocupa áreas verdes que foram invadidas ao longo do tempo no município. Esta comunidade caracteriza-se por duas realidades totalmente distintas e sem relação entre si. Uma delas é a estrutura comercial construída para exportação e importação de produtos, conhecida como a área de exportação, que está quase totalmente desativada. A outra realidade são as ocupações precárias de uma classe excluída, que estão localizadas em quatro espaços distintos: Jupira baixo, Pedreira e Rua Vicente de Carvalho e Jegue sentado - na Rua Mário de Andrade e Boca do Mato ou Rua Gonçalves Dias. Segundo o livro *Foz do Iguaçu em Contexto de Mobilidade*, escrita por Padres missionários Scalabrianos da Paróquia Bom Jesus do Migrante, em 2007, e utilizando dados oficiais do município, viviam 1447 habitantes na área comercial do bairro e aproximadamente 441 famílias, ou seja 1653 pessoas nas ocupações. (ZAMBERLAM et al, 2007, p. 59)

As ocupações das áreas verdes no Jardim Jupira iniciaram a partir do final da década de 60 e de forma abrupta nas décadas seguintes, principalmente pelos trabalhadores que vieram em busca de novas oportunidades e pelos que viviam no subemprego ou no trabalho autônomo eventual, como foi acima mencionado.

A escola com Educação Infantil e Ensino fundamental onde foi desenvolvida nossa pesquisa pertence a esse bairro, mas está localizada em uma importante avenida que liga os bairros da região norte ao centro da cidade. A escola atende a uma população de nível sócio econômico baixo, com predominância de trabalho autônomo, caracterização que pode incluir atividades ligadas ao transporte do comércio de mercadorias vindas da Cidade do Leste. Possui aproximadamente trezentos e cinquenta alunos e a grande maioria reside nas ocupações das áreas verdes do bairro. A equipe escolar procura adequar-se às necessidades dessas crianças, para o controle da evasão escolar, segundo as normas previstas para o IDEB³. Segundo a diretora, os pais e/ou responsáveis trabalham nos períodos da tarde e à noite.

Para atender a esse horário de trabalho dos pais, no período da tarde a escola atende aos alunos da Educação Infantil, do primeiro e segundo anos do ensino fundamental, pois eles dependem mais dos adultos para serem levados à escola. No período da manhã a escola atende aos alunos maiores, do terceiro ao quinto anos. Os alunos do quinto ano, interlocutores da nossa pesquisa, são comunicativos como em qualquer turma na idade entre 9 a 12 anos. São sociáveis e receptivos, comportamento descrito pela diretora e professora regente por quem são acolhidos. A professora é atenciosa, mas rígida com o controle da disciplina; conhece o perfil e a história de cada um. A diretora é muito afetuosa, procura aproximar-se dos pais para que se sintam acolhidos e confiantes no relacionamento com a escola.

Como se vê, a escola procura atender às crianças que vivem no Jardim Jupira, um dos bairros mais próximos geograficamente da fronteira com o Paraguai e marginalizado por outros moradores da cidade, que o identificam como um bairro perigoso. Tal marginalização, por sua vez, é desdobrada na relação da cidade de Foz do Iguaçu com o restante do país, associada à imagem negativa da fronteira. Normalmente são veiculadas pela mídia notícias de violência, de contravenção e de ilegalidade, construindo uma imagem da cidade como um lugar perigoso, uma “terra de ninguém” ou uma “terra sem lei”. Para Albuquerque (2010), mesmo com a presença da

³ IDEB – (Índice de desenvolvimento da Educação Básica) Criado pelo INEP em 2007, em uma escala de zero a dez. Sintetiza dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: aprovação e média de desempenho dos estudantes em língua portuguesa e matemática. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Saeb e a Prova Brasil. Fonte: www.portal.inep.gov.br.

aduana e de órgãos públicos de fiscalização, as fronteiras em geral se tornam espaços territoriais e sociais melindrosos e difíceis de serem controlados.

A ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA: ANTROPOLOGIA, PSICOLOGIA DA CRIANÇA E PESQUISA

O ponto de partida, para esse tema aconteceu com a experiência com crianças encaminhadas para o Centro de Psicologia Aplicada, na supervisão do estágio de Psicodiagnóstico Infantil. Entre tantas crianças, em 2008 apareceu um menino de 8 anos, morador do bairro Jardim Jupira. Esta criança sentia-se inferiorizada, discriminada socialmente e procurava esconder o trabalho dos avós durante o atendimento psicológico. As representações dessa criança por meio de desenhos retratavam situações tensas que ela vivenciava no bairro. Desde então se iniciou uma reflexão sobre o modo de viver das crianças moradoras do bairro Jupira.

Para isso, foi fundamental retomar as abordagens teóricas sobre o desenvolvimento social, cognitivo e emocional de crianças, como suas semelhanças e diferenças, a partir das contribuições da antropologia, da psicologia e da psicanálise.

Inicialmente, no desenvolvimento psicológico infantil, a criança pequena assimila a moral dos pais, e o pai é uma figura de autoridade. Com o passar do tempo, o meio ambiente onde a criança está inserida e a escola a influenciam constantemente. Elas adquirem hábitos culturais por meio das experiências cotidianas e da linguagem, bem como incorporam e estão suscetíveis a compreensões divergentes, ambiguidades e diferentes moralidades em suas relações com os adultos.

As correntes teóricas da antropologia da criança e a construção social da infância apresentadas na Europa ocidental na modernidade são fundamentais para compreender, neste estudo, a criança como um ser atuante nas constituições sociais e também como produtora de cultura. Há aproximadamente cinquenta anos as crianças ganharam espaço e legitimidade como campo de estudos; começaram a ser percebidas como um *sujeito social*. Partindo-se dos estudos de Toren (2010) sobre as crianças fijianas por meio da observação e da análise etnográfica, vemos que é possível a descrição de uma parte de suas vidas, ou do sentido próprio que elas dão ao mundo. As crianças são seres ativos que possuem uma lógica particular, e atribuem um significado próprio às suas experiências. Atuam e interagem com os outros de acordo com sua idade, experiência e contexto sócio cultural onde estão inseridas.

O termo infância deve-se a uma construção histórica e do mundo ocidental, estudada por Philippe Áries (2011), quando gradativamente a educação tornou-se uma preocupação familiar e a

infância um período de preparação para a vida adulta. Um diálogo interdisciplinar ajuda a compreender melhor como se desenvolve social e psicologicamente a criança e, nesse sentido, os estágios piagetianos são esclarecedores. Piaget (2007) afirma que a criança produz, por meio da estrutura maturacional, estruturas lógicas de acordo com sua idade, que permitem atuar sobre o mundo em vários níveis de complexidade a partir do nascimento, até aproximadamente os dezesseis anos, adquirindo novas estruturas por meio dos quatro estágios de desenvolvimento cognitivo e afetivo: sensório motor, pré-operacional, operações concretas e operações formais. A fase análoga para essas crianças é o estágio das operações concretas. Isto é, aprendem a pensar com o uso da lógica sobre acontecimentos nas esferas física e social, mas ainda precisam de informações concretas para apoiar o pensamento lógico. Isso permite às crianças pensar logicamente sobre objetos e eventos no mundo real.

Freud (1976) apresenta o desenvolvimento da personalidade por meio de estruturas topológicas e das fases de desenvolvimento psicosssexuais e dos afetos. As primeiras fases, oral, anal e fálica, são fundamentais e estruturantes do caráter inicial da criança. Ocorre a formação do Superego como uma das estâncias da personalidade, cujo papel é assimilável a um censor ou juiz. As ambiguidades entre obediência, ou não, são percebidas pelas crianças, impostas pelos pais como primeiras figuras de autoridade. Depois, com a escola, incluem-se os professores, familiares e bairro onde vivem. Aos 8 anos, na fase denominada de latência, em que os interesses estão voltados para a socialização e aprendizagem, passam a enfrentar a realidade com maior independência, e a questionar o poder dos pais, aproximando-se de outros grupos, nas relações fora do lar.

Essas referências teóricas permitem entender como se processam as interações das crianças observadas nesta pesquisa em suas relações com adultos e as percepções que fazem do cotidiano vivido. A ideia inicial foi desenvolver a pesquisa no bairro, com ajuda de profissionais do serviço social. Mas, uma das primeiras dificuldades enfrentadas foi a impossibilidade de estar no bairro, constatada na única e primeira vez que estivemos lá, acompanhados de uma assistente social que faria uma visita familiar. Foi quando vimos que o acesso é controlado por “olheiros” que solicitam identificação de “estranhos” à rua, mesmo para os funcionários públicos das áreas da saúde e da assistência social. De acordo com Sampaio e Rossi (1999), a presença física do outro influencia diretamente o comportamento dos indivíduos: “[...] é alguém que não deve presenciar determinadas atitudes. Sua simples presença influi diretamente no comportamento que presenciam” (SAMPAIO; ROSSI, 1999, p. 34). Ou seja, o outro causa estranhamento e adquire um papel regulador sobre o que seria considerado agir de modo adequado. Dessa forma, decidiu-se a pesquisa no espaço escolar.

A etnografia em sala de aula foi escolhida como uma das vias para compreender a vida cotidiana das crianças dessa fronteira, além de técnicas de pesquisa próprias da psicopedagogia e psicologia, como a construção de histórias de vida, desenhos e estórias, técnicas projetivas de investigação da personalidade e da contextualização da comunidade fronteiriça onde vivem.

A etnografia é muito utilizada nas Ciências Sociais. Roberto Cardoso de Oliveira, no livro *O trabalho do Antropólogo*, esclarece que o olhar e o ouvir “disciplinados”, pela própria disciplina, contribui para a nossa percepção. Ao escrever o nosso pensamento advindo desse olhar produziremos um discurso que, espera-se, “seja tão criativo, como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social” (OLIVEIRA, 2006 p. 18). O ato de escrever é concomitante ao ato de pensar. Por meio das observações organizadas, inicia-se o processo da escrita, que é um ato cognitivo, de produção do conhecimento e argumentação.

A observação participante é um dos métodos da pesquisa etnográfica, também chamada de trabalho de campo. Minayo define a “observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (MINAYO, 2008, p. 70). O observador fica em contato direto com seus interlocutores, no local escolhido para a pesquisa, participando da vida social na medida do possível, com a finalidade de colher dados e extrair informações daquela realidade. O observador faz parte do contexto e sem dúvida modifica-o, pois interfere nele, assim como é modificado, quando se aproxima do objeto de pesquisa. O diário de campo é um caderno de anotações ou um arquivo eletrônico onde se registram todas as informações colhidas, para serem utilizadas na análise dos dados.

Segundo Hammer, “quando se observam os desenhos de crianças, veem-se transmitidas coisas que elas nunca seriam capazes de expressar em palavras, mesmo que estivessem inteiramente conscientes de alguns dos sentimentos que as atormentam e mobilizam” (HAMMER, 1991, p.2). Na psicologia, utilizam-se os desenhos como formas de projeção psicológica, tornando-se ao longo do tempo um instrumento valioso no diagnóstico psicológico, porque expressam uma rica linguagem simbólica.

Outro instrumento da pesquisa foi a elaboração da “História de vida”, como uma atividade pedagógica, para que as crianças pudessem descrever e, em alguns momentos, desenhar gostos e brincadeiras preferidas. Por meio dessas histórias de vida foi possível observar as suas percepções sobre o bairro e sobre a região de fronteira, o convívio e regras da família, o lugar e a importância da escola, bem como as percepções sobre o trabalho dos pais e familiares.

Aplicou-se uma técnica da psicologia do procedimento de desenhos da escola e de família com histórias, formulada por Trinca (1997). Trata-se de investigação da personalidade para verificar e complementar as relações e vínculos afetivos que as crianças possuem com a escola e principalmente com a família. A criança desenha e quando termina o desenho conta uma história, oportunidade em que o pesquisador pode fazer algumas perguntas, uma breve entrevista, para conhecer os vínculos com os integrantes da família.

Estivemos com vinte e quatro crianças de 5º ano do ensino fundamental, na faixa etária de nove a doze anos. Os dados coletados foram selecionados e organizados por meio dos seguintes eixos temáticos: 1) bairro/fronteira; 2) organização e estrutura familiar; 3) relações familiares e estrutura escolar; 4) trabalho dos familiares e da comunidade onde vivem; 5) relações e vínculos afetivos com a escola e a família. Aproximaram-se os dados coletados semelhantes e diferentes segundo esses eixos. Observamos percepções relativas ao eixo bairro/fronteira e trabalho feito pelos adultos, apresentados a seguir. Os nomes adotados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

“LÁ EMBAIXO”: AS PERCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE AS ATIVIDADES E O BAIRRO

Desde o primeiro momento, na apresentação da pesquisadora pela professora regente, na sala de aula, as crianças queriam saber quais atividades seriam desenvolvidas durante o projeto e qual seria a participação delas. Houve o devido esclarecimento de que se tratava de uma professora e estudante, e que iri desenvolver estudo para a Universidade. Perceberam-se olhares atentos, silenciosos, alguns mais desconfiados. Houve receio de falar sobre si, sobre suas vidas e sua família. Marília (nome fictício, criança de 11 anos), durante o recreio, mostrava uma pirueta que aprendeu no projeto social próximo à escola. Seu pai, com medo da travessia da avenida, não permitiu a ela permanecer no projeto: “a rua é violenta, pode ter atropelamento e morte. Eu não saio sozinha, minha tia vem me trazer e buscar na escola. Lá embaixo é muito perigoso”. (sic Marília) “Lá embaixo” é uma expressão para referir-se ao bairro, com acesso à barranca do rio Paraná. Após o recreio, a professora regente propôs atividade de leitura e interpretação de poesia sobre a “rua”. Depois, elaborou perguntas sobre a rua onde cada criança residia e sobre algum acontecimento julgado importante. Luciano (nome fictício de criança de 11 anos) escreveu: “Eu não gosto da minha rua. Tem muita poeira quando os carros passam por lá. Moro bem perto da barranca do rio”. Francisco (nome fictício de criança de 12 anos) solicitou a presença da pesquisadora na sua carteira e com voz baixa relatou: “Minha mãe não deixa eu brincar na rua.” Segundo o relato da professora, quando a previsão do tempo é de chuva, muitas crianças faltam, porque moram distante para caminhar a pé, além de que há subidas íngremes em meio a pedras, o que dificulta a caminhada até

a escola. Quando tomam chuva pelo caminho, muitos ficam resfriados e doentes, chegando a faltar quatro a cinco dias seguido as aulas.

Quanto às impressões sobre o bairro, as crianças relatam que os outros o veem como uma favela, com muito lixo jogado pelas ruas, pessoas fofoqueiras, roubos e crimes. Para Luciano, as pessoas “falam mal do meu bairro porque tem muitos fofoqueiros”. Observa-se que as crianças têm uma ideia da fronteira associada à cidade, à Ponte da Amizade e à divisa com o Paraguai, e o espaço do bairro é o que corresponde à experiência cotidiana delas, pois reconhecem o perigo das ruas, e ouvem as notícias constantes de mortes, de violência, e da presença constante da polícia. As crianças compartilham essa experiência com as narrativas veiculadas pelos diversos meios na mídia nacional e nos principais jornais da fronteira⁴. Olivia (nome fictício de criança de 12 anos) disse: “Não gosto da favela, o rio é perigoso, tem bandido que rouba”. Lucia (nome fictício de criança de 10 anos) observa: “Não gosto das filas enormes, da distância das lojas e das grades abertas no meio da ponte”. Marília (nome fictício de criança de 11 anos): “Não gosto dos contrabandos, das polícias e da discriminação, muito acidente. A polícia bate porque fazem coisa errada, fazem contrabando que é errado”. José (nome fictício de criança de 10 anos): “Não gosto do movimento e dos muambeiros”. Luciano: “Não gosto das rachaduras no chão, da fumaça dos carros, e que não tem cobertura na ponte, e quando atravessam as pessoas são muito apuradas”.

Durante os vários momentos de recreio, em que a pesquisadora estava com as crianças, pode-se perceber, em conversas informais, como são as relações familiares, em especial das meninas. Elas são meigas, divertidas, gostam de serem ouvidas. Marília (11 anos) mostrava feliz a coreografia de uma música que aprendeu enquanto cantava com outra colega. Após os aplausos iniciou-se uma conversa: Além de cantar e dançar, o que mais você faz em sua casa? “Ajudo varrer, lavar louça e cuidar de minha irmã. A minha mãe fica em casa com a gente”. Sua mãe não trabalha fora? “Não ela fica com a gente, só meu pai trabalha”. (Olhou demoradamente para a colega, a troca de olhares demonstrava que a colega sabia bem o que acontece. Ficaram em silêncio).

Como medidas de cuidado e proteção aos filhos, a maior parte das mães permanece em casa, atenta. As crianças que permanecem dentro das casas, brincando no quintal ou jogando videogame, também estão. Alguns relatam que a mãe faz cobranças quanto às atividades da escola. Se essas não forem executadas, há repreensões: a “mãe xinga”, “eu apanho”; “pede que eu faça de novo”; “não posso assistir TV”; “não posso sair, fico de castigo”. A maior parte escreve que prefere cumprir as regras familiares para evitar confrontos, como diz Olivia (nome fictício de criança de 12 anos):

“quando eu não cumprio as regras na casa, a avó briga e xinga e não deixa ver as novelas” ou Maíra (nome fictício de criança de 9 anos): “a mãe me dá um *xingão*, quando volta do trabalho”.

O uso do tempo em um dia comum na vida das crianças pode ser apreendido por meio de uma técnica projetiva, a fim de compreender os vínculos familiares⁵. A ideia foi que as crianças pudessem expressar, inconscientemente, por meio de um desenho, os quatro momentos mais importantes do seu dia. Todas participaram dessa técnica projetiva e os resultados foram interessantes, como se pode verificar nas figuras 1, 2, e 3. A escola aparece como um dos principais momentos do dia, ocupando o 1º e 2º lugar de importância, seguido do horário do almoço com a família e dos momentos de lazer com os colegas em suas casas. Na figura 2, produzida por Carolina (nome fictício de criança de 10 anos), aparece um 3º momento de representação afetiva, em que a mãe espera seu retorno da escola. A figura 3, produzida por Lucia (nome fictício de criança de 10 anos), expressa dois momentos particulares: auxiliando na separação do lixo - é filha de recicladores - e as viagens que faz para tratamento de saúde na capital, Curitiba. O desenho é um dos meios que facilita a expressão do mundo interno das crianças em relação ao entorno e consigo mesmas.



Figura 1 – Os 4 momentos de um dia. Produzido por Mariana (nome fictício de criança de 11 anos)

⁶ Técnica projetiva psicopedagógica proposta por Jorge Visca (1995), a fim de investigar os vínculos familiares e como ocupam o tempo diário. São um recurso, entre outros, que permite investigar os vínculos que o sujeito estabelece com o aprendizado propriamente dito, bem como as circunstâncias em que ocorre sua construção.



Figura 2 – Os 4 momentos de um dia. Produzido por Carolina (nome fictício de criança de 10 anos).

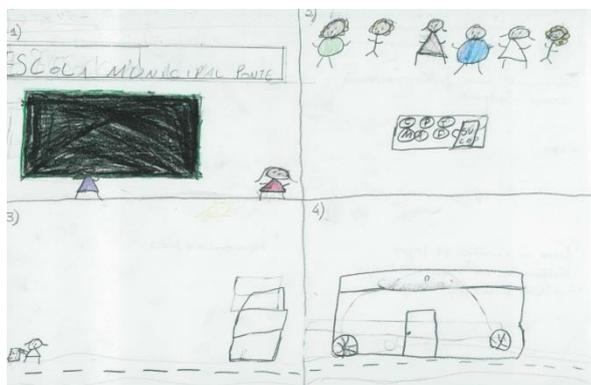


Figura 3 – Os 4 momentos de um dia. Produzido por Lúcia (nome fictício de criança de 10 anos).

Para os alunos, a escola é importante porque serve para ensinar, aprender coisas novas e estudar, principalmente quando é referenciada de forma positiva pelos familiares. Quando não há diálogo sobre a escola na família, esta não é referenciada, não ocupa um lugar de importância na vida da criança, passa a ser vista como necessidade de atender a um interesse e ao cumprimento de uma exigência, como, por exemplo, para receber o “bolsa família”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Uma das reflexões da pesquisa, sobre as percepções e a construção social feita pelas crianças nesse universo singular, é que vivenciam sentimentos e têm percepções cheias de ambiguidades, evidenciando apreensão cuidado e proteção dos adultos, principalmente das mães. Isto pode ser visto nas recomendações dos pais para que brinquem em casa e no quintal. Assim como a maioria das crianças, ser criança na comunidade é assistir à televisão, jogar videogame, brincar de casinha, jogar bola e brincar de bonecas.

Ficar e brincar em casa, na percepção das crianças, deve-se à preocupação dos pais com o movimento perigoso do bairro. As crianças percebem o bairro, são afetuosas, educadas, colaborativas em casa, mas vigiadas e desconfiadas, pelo contexto particular em que vivem. O ambiente físico da escola é fechado e pode ser uma medida adotada de proteção às crianças, revelando a preocupação com as vivências expressas no cotidiano, no espaço da escola. As crianças conhecem e respeitam as regras da escola, mas a escola, dessa forma, interage e é parte do bairro, adaptando seus horários e suas atividades ao ritmo de vida do bairro e das famílias de seus alunos.

É preciso realçar a importância da interdisciplinaridade nesta pesquisa, tanto do ponto de vista teórico, quanto do uso de técnicas sociológicas, vindas da etnografia (da observação participante das vivências com as crianças e das entrevistas), e psicológicas por meio da construção de histórias de vida e de desenhos. A etnografia possibilitou a compreensão de um contexto escolar complexo, que atualiza formas de vida para além dele, expressando as fronteiras geográficas e simbólicas do bairro e da cidade. A interlocução com as crianças, os professores e a direção permitiu, assim, a compreensão da totalidade do bairro, onde a escola é uma das partes. No espaço da escola nossas conversas evidenciaram que as crianças são produtoras e reprodutoras ativas da cultura. O desenvolvimento sócioemocional inicia-se com os pais como figuras de autoridade, e o desenvolvimento cognitivo acontece por meio do processo maturacional e das relações com o ambiente. A socialização das crianças implica interações recíprocas com os adultos de modo que, na interlocução com elas, entende-se o cotidiano singular vivido na escola, no bairro e na cidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BAUER, O. **A Nação**. In BALAKRISHNAN, Gopal (org.) Cap. 4 In Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda., 1996.

CARDIN, Eric Gustavo. **Laranjas e sacoleiros na tríplice fronteira: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

_____. **Sociedade e indivíduos: convivendo com a violência na fronteira**. In: As múltiplas faces das fronteiras. Eric Gustavo Cardin (org.) 1ª edição. Curitiba: CRV, 2013.

CATTA, Luiz Eduardo. **O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade**. Cascavel, EDUNIOESTE, 2002.

- FREUD, Sigmund. **A sexualidade infantil**. In: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. VII.
- HAMMER, Emanuel F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- KOLTAI, Caterina. **Política e Psicanálise. O Estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 2000.
- KOOGAN/ HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Delta, 1993.
- LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu: no contexto da história**. Foz do Iguaçu: Editora do autor, 2010.
- MARTINS, José de Souza et al. **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. 27ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, S. P. Editora UNESP, 2006.
- PIAGET, Jean, 1896-1980. **Seis estudos de Psicologia**. 24ª ed. RJ: Forense Universitária, 2007.
- SILVA, Regina Coeli Machado e. **Vidas, Nações e Estados se fazendo nas fronteiras entre Brasil, Paraguai, Argentina**. Revista Ideação. Centro de Educação Letras e Saúde da UNIOESTE. Campus de Foz do Iguaçu. V. 15 N°2 p. 10-32. 2º semestre de 2013.
- TOREN, Christina. **A matéria da Imaginação, o que podemos aprender com as idéias das crianças Fijianas sobre suas vidas como adultos**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: ano 16, n° 34, p 19-48, Jul./Dez., 2010.
- TRINCA, Walter (Org.) **Formas de Investigação Clínica em Psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997.
- VISCA, Jorge. **Técnicas Projectivas psicopedagógicas**. 2ª Edición. Buenos Aires: Argentina, 1995.
- ZAMBERLAN, Jurandir. **Foz do Iguaçu em contexto de mobilidade**. Paróquia Bom Jesus do Migrante. Jurandir Zamberlan, Joel Ferrari, Giovanni Corso, Joaquim R. Filippin. Porto Alegre: Solidus, 2007.